

# A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO E SUAS IMPLICAÇÕES NA ÁREA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*Leonardo José Jeber\**

## RESUMO

Este texto aborda a relação teoria e prática no ensino e suas implicações para a Educação Física Escolar. Apresenta essa relação como problema que incide na prática social e pedagógica dessa área. Contextualiza essa relação na sociedade atual e expõe estudos da Educação e da Educação Física para a construção de uma relação teoria e prática indissolúvel. Apresenta visões e esquemas possíveis de interação entre ambas. Aponta que a dicotomia entre teoria e prática gera uma crise de confiança no conhecimento profissional e se posiciona por uma Educação Física teórico-prática onde movimento corporal e linguagem interagem entre si para um ensino comprometido com a transformação social.

## ABSTRACT

This paper discusses the relationship between theory and practice in education and its implications on school-level Physical Education. It presents this relationship as a problem affecting the social and educational practice in this field. It approaches such a relationship in the present society and advances studies in Education and Physical Education in order to build an everlasting theory-practice relation.

It suggests possible views and strategies for the interaction between both fields. It indicates that the theory-practice dichotomy generates mistrust in relation to professional knowledge. It advocates a theoretical and practical method of Physical Education teaching in which language and body movement interact to bring about social change.

---

\* Professor de Educação Física formado pela UFMG em 1983. Atualmente professor de Educação Física da Escola de 1º grau do Centro Pedagógico da UFMG e mestrando em educação pela Faculdade de Educação da UFMG.



ste texto objetiva colocar algumas questões gerais sobre a relação teoria e prática que podem e devem ser mais aprofundadas. A idéia do texto é a de difundir essas questões

para a reflexão-ação dos profissionais de Educação Física que atuam na escola de 1º, 2º e 3º graus.

A relação teoria e prática é um problema que ocorre em todas as áreas do conhecimento porque é uma questão presente na história do pensamento humano e afeta cada área com intensidade diferente. Atinge mais diretamente as áreas que incidem sobre a prática social, tais como o magistério, a medicina e a advocacia. (Candau, 1994. p.49-50)

Assim sendo, o problema da teoria e prática está presente também na Educação Física, cabendo a nós, profissionais da área, avaliar a sua intensidade.

Para exemplificar como a relação teoria-prática é um problema dessa área, vou me referir primeiro a um episódio informal e lúdico, ocorrido com alguns profissionais que participavam de um Encontro de Professores de Educação Física, entre os quais eu me incluía.

Num dos intervalos do Encontro, um grupo de participantes resolveu se reunir para um momento de lazer. Escolheram jogar voleibol e dividiram-se em duas equipes, sendo uma a dos *práticos* e a outra a dos *teóricos*. É claro que o jogo foi vivido em tom de brincadeira e de lazer, mas sem deixar de evidenciar que a relação teoria e prática é uma questão que se faz presente em nossa área de

formação e cuja problematização nos parece bem recente, como vamos tentar demonstrar mais à frente.

A divergência entre teóricos e práticos apareceu também, mais recentemente, nos dados colhidos por mim, durante a realização de entrevistas com professores de Educação Física para a minha pesquisa no curso de mestrado. (Jeber, 1993). Uma das professoras, ao referir-se ao grupo de trabalho de sua escola, deu o seguinte depoimento:

“Os mais antigos [os práticos] consideram que os teóricos não sabem nada. Só querem rolar bola, que o negócio é só teoria. Então é preciso que quem está muito ligado à teoria se faça mostrar na prática. Há um choque entre as duas gerações. Eu acredito na turma nova, que pensa, que fala, que sente, que defende uma Educação Física humanista...”

Para mim, essa “briga” entre teóricos e práticos não passa de um falso conflito que tem como base a idéia de que há os teóricos, que são aqueles que produzem as teorias para serem estudadas e aplicadas e há os práticos, que são aqueles que aplicam as teorias construídas pelos teóricos. Esteriotipadamente, os teóricos seriam aqueles que se localizam nas universidades, nos laboratórios de pesquisa, nas bibliotecas, e ainda são aqueles que escrevem artigos, livros e fazem palestras. Os práticos seriam aqueles que estão trabalhando nas escolas de 1º e 2º e 3º graus das redes pública e particular de ensino e que recebem o produto teórico pronto e acabado para ser aplicado.

Esse falso conflito tem como base

*“o vício que temos de pensar que a teoria se articula só a partir do ato de pensar. Ligado à prática, o ato teórico estabelece-se a partir do que homem é, concretamente, como um todo, um nó de relações com o mundo. Vale dizer, um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão, sonho...”* (Peireira, 1990. p.84-85)

que se manifesta onde quer que esteja atuando o ser humano em suas variadas profissões, entre elas, a Educação Física.

Quem também nos ajuda a clarear esta questão é Ghiraldelli, quando propõe que o profissional de Educação Física, particularmente o professor, seja antes de mais nada um *intelectual*. Nas palavras do autor, isso significa que

*“Na verdade, todos os homens são intelectuais, pois qualquer trabalho envolve sempre um mínimo de ‘atividade pensante’ . A separação entre homo faber e homo sapiens não se efetiva no plano da realidade da vida concreta. Mesmo o trabalho mais relacionado com esforço físico implica sempre um mínimo de ‘atividade intelectual’...”* (Ghiraldelli Júnior, 1988. p.52).

A problemática da relação teoria e prática na Educação Física ganha espaços em publicações de periódicos e livros<sup>1</sup>. Além de ser denunciada, tal problemática começa a ser anunciada e contornada por possibilidades de novos entendimentos dessa relação.

Uma demonstração desses anúncios pode ser vista nos anais do IV

Simpósio Paulista de Educação Física, realizado pelo Departamento de Educação Física da UNESP em 1993. O tema central foi *A relação teoria e prática na Educação Física*.

Outra demonstração de discussão sobre esse tema é a tese de doutorado da professora Celi Taffarel. Ao discutir a formação do profissional de Educação Física, ela aponta a dicotomia teoria e prática como indicadora de contradição na organização do processo de trabalho pedagógico que se dá na formação dessa categoria. Nessa pesquisa, essa professora apurou que

*“quanto às expressões e representações dos professores a respeito da teoria e da prática, observamos a predominância do praticismo. Isto significa uma oposição reconhecida entre teoria e prática. O modo de conceber a prática relaciona-se ao útil, ou seja, o que caracteriza a relação teoria e prática é determinado de um modo linear peculiar, como um processo de refinamento da técnica pedagógica, para alcançar um progresso e aprimoramento na aprendizagem. Encontramos nestas representações uma relação técnica entre teoria e prática.”* (Taffarel, 1993. p.113).

O problema da relação teoria e prática aparece num contexto de sociedade de classes, sociedade com ênfase capitalista. Valoriza-se o trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual, e por isso separa-se corpo e mente. Assim, indagamos: como tal contexto afeta em específico a área da Educação Física, no que diz respeito a essa questão da relação teoria e prática?

Para responder a tal interrogação, precisamos de mais alguns elementos que fundamentem melhor o nosso entendimento sobre a questão, apresentados a seguir. Foi, e ainda é, num contexto de sociedade capitalista dependente que se elaborou no país a legislação que rege a Educação Física em nosso sistema escolar. A legislação que trata da Educação Física no país, apresentou-a e reforçou-a como uma atividade. Vejamos o que tal denominação significa e como a caracteriza.

Segundo Lino Castellani,

*“... teve a Educação Física dada a contundente presença da visão tecnicista nas leis n°s 5.540/68 e 5.692/71 - reforçado o seu caráter instrumental, caráter esse que veio (...) a zelar pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho, buscando com esse proceder, assegurar ao ímpeto desenvolvimentista (...) mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada.”* (Castellani Filho, 1988, p.6).

Ainda segundo esse autor, o termo *atividade* tem sua definição expressa formalmente no Parecer nº 853 de 12 de novembro de 1971, do Conselho Federal de Educação - CFE. Recebe a conotação de *“um fazer prático não significativo de uma reflexão teórica”*, caracterizando e definindo a Educação Física num fazer pelo fazer. Explica e justifica sua presença na escola enquanto mera experiência limitada em si mesma. Está pois destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existindo apenas empiricamente como educação do físico, portanto, educação mecânica e alienante. (Castellani Filho, 1988, p.6).

Outra questão a explicitar um pouco mais seria: por que elaborou-se tal legislação, apresentando a Educação Física com tais características?

Talvez se possa começar uma resposta quando verificamos que a Educação Física se originou num dado momento histórico, para responder às necessidades da manutenção de uma classe social hegemônica no poder. Vejamos resumidamente como é isto.

O que queremos aqui é reafirmar que a origem da Educação Física precisa ser esclarecida para que possamos perceber, a partir desta, como ela se relaciona com a questão da teoria e prática.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), o surgimento da Educação Física se dá em função de necessidades sociais concretas identificáveis em diferentes momentos históricos. Esses, por sua vez, dão origem a diferentes entendimentos do que da Educação Física se conhece.

Surgem na Europa do final do século XVIII e início do século XIX os sistemas nacionais de ensino. Com eles surge a Educação Física, através de exercícios físicos na forma cultural de jogos, ginástica, dança e equitação. Ela surge no contexto do início de uma nova classe social no poder: a burguesia (Coletivo de autores, 1992, p.50-51).

Em síntese, temos que tal sociedade precisava da formação de um novo homem que fosse mais forte, mais ágil e mais empreendedor. Era preciso que esse homem tivesse força física transformável em força de trabalho, portanto, em fonte de lucro. Além disso, era a Educação Física ministrada nas escolas por instrutores físicos do exército. Seguíam os

rígidos métodos, normas e valores de tal instituição. Portanto, a Educação Física nasce como uma *Prática*, num fazer pelo fazer. É sinônimo de Educação do Físico, deixando a entender que existem outros espaços na escola que se ocupariam da educação intelectual, da educação espiritual e da educação social.

Após os elementos - legislação e origem da Educação Física - voltamos à pergunta formulada anteriormente: como esse contexto afeta a Educação Física? A grosso modo, diríamos que afeta reforçando-a apenas como uma prática destituída de qualquer intenção teórica, isto é, de qualquer reflexão crítica. A presença da Educação Física na escola com esse entendimento ajuda a reforçar os preconceitos, as superstições e os estereótipos sobre o que é a mulher, o homem, a escola, o conhecimento, o corpo, a educação, e a própria Educação Física.

Um outro ponto que pode nos ajudar a refletir e agir sobre a questão da teoria-prática em relação à Educação Física seria compreender o sentido das palavras *teoria e prática*. Originalmente “teoria” tem o sentido de observar, contemplar, refletir; e “prática” tem o sentido de agir e ação. Teoria e Prática, com tais significados, que são *diferentes*, possibilitam a indução da percepção da teoria e prática como coisas separadas, opostas e nunca unidas (Candau, 1994. p. 50-52).

Esses significados, mais ao nível do senso comum e dicionarizados, aparecem num contexto ocidental, num contexto de sociedade de classes que herdou do pensamento grego antigo e do pensamento cristão-medieval uma valo-

rização do trabalho manual, uma valorização da mente e do espírito em detrimento do corpo. (Jeber, 1993).

No âmbito da Educação Física, parece-nos que tem prevalecido a separação, a oposição e o distanciamento entre teoria e prática. Cabe tentar responder ou identificar como tal situação se manifesta em nossa área e de que tipo de distanciamento se está falando.

De modo geral, existem diferentes esquemas de relação entre teoria e prática. Segundo Vera Candau, duas visões básicas podem ser mostradas (Candau, 1994. p.52-56):

- *Visão dicotômica*: seria aquela que entende teoria e prática como duas dimensões da realidade, opostas, separadas e autônomas. Pode ainda ser tal visão caracterizada como dissociativa (teoria e prática são mundos completamente separados) ou associativa (teoria e prática são separadas, mas não opostas onde a prática se submete à teoria);
- *Visão de unidade*: seria aquela que reconhece teoria e prática como duas dimensões da realidade, porém considera que a distinção entre ambas se dá numa unidade indissolúvel. Tal unidade é assegurada pela relação de simultaneidade, reciprocidade, autonomia e dependência que se dão entre ambas.

Dos esquemas de relacionamento entre teoria e prática surgem implicações que influem na formação do educador. Daí decorrem tendências diversas nas práticas de formação profissionais de educação (Candau, 1994. p.57-60) e, por conseguinte, dos professores de Educação Física. Como tais tendências da rela-

ção teoria-prática se manifestam na Educação Física e mais especificamente, nas aulas de Educação Física, tanto para professores quanto para os alunos?

- **A Tendência que enfatiza a teoria:** Em tal tendência, a teoria é a verdade absoluta e universal. Aparece esvaziada da prática e, quando nos cursos de formação, enfatiza as disciplinas teóricas. A nosso ver, **tal tendência não se manifesta de forma hegemônica na área de Educação Física**, na formação de seus profissionais, nem nas aulas de Educação Física na escola de 1º, 2º e 3º graus.
- **A tendência que enfatiza a prática:** Aqui a prática independe da teoria e tem sua lógica própria. A prática é esvaziada da teoria e, quando nos cursos de formação, enfatiza as disciplinas instrumentais. No nosso entendimento, essa ainda é **a tendência hegemônica nos cursos de formação do profissional de Educação Física**, embora devamos reconhecer as reformulações curriculares que vêm acontecendo inicialmente em algumas universidades brasileiras. É contra essa tendência que têm surgido denúncias e anúncios que veremos mais à frente. Também é a tendência que prevalece nas aulas de Educação Física do 1º ao 3º graus.

Essa tendência é também confirmada por Silvino Santin quando nos lembra que:

*“Os currículos dos cursos de educação física mostram o privilégio dos aspectos físico-práticos sobre os temas intelectuais, políticos e psico-sociais.*

*Percebe-se em certas circunstâncias, uma determinada aversão ao teórico e à reflexão crítica. O importante é dedicar-se aos exercícios, aos treinamentos e às práticas desportivas (Santin, 1987. p.61).*

Segundo Vera Candau, quando as duas tendências acima estão num programa de formação de educadores, teoria e prática não se comunicam. Em consequência, temos uma esquizofrenia no processo de formação de educador. (Candau, 1994. p.58). *Então perguntamos: e quando só uma tendência está presente num programa de formação? É esse o caso dos cursos de formação em Educação Física? É esse o caso que ocorre nas aulas de Educação Física na escola? Qual a consequência disso para a formação dos professores de Educação Física e para os alunos nas escolas?*

- **A tendência que enfatiza a teoria sobre a prática:** Nessa tendência, acontece o primado da teoria sobre a prática. Significa que a prática educativa é vista como aplicação da teoria. No currículo de formação profissional, as disciplinas instrumentais acontecem como aplicação das disciplinas teóricas. Valorizam-se os aspectos “*técnico-científicos*”, em detrimento dos “*filosófico-ideológicos*”. A nosso ver, tal tendência não se manifesta hegemonicamente na Educação Física brasileira. Aliás, parece que na Educação Física prevalece a teoria submissa à prática.
- **A tendência que enfatiza a teoria e a prática como um núcleo articulador:**

Nessa tendência, teoria e prática são o núcleo articulador da formação do educador. Teoria e prática devem ser trabalhadas simultaneamente numa mesma ação, constituindo-se numa unidade indissolúvel. A teoria é revigorada e passa a ser formulada a partir das necessidades concretas da realidade educacional. A prática educacional é sempre ponto de partida e ponto de chegada. A nosso ver todos os componentes curriculares devem trabalhar a unidade teoria-prática sob diferentes configurações, para que não se perca a visão de totalidade da prática pedagógica.

Essa tendência tem sido anunciada por alguns autores da Educação Física, em seus estudos, como algo necessário que precisa urgentemente se manifestar de forma mais freqüente e sistematizada na formação do profissional dessa área. Visa auxiliar na formação de um profissional capaz de produzir conhecimento, criticar e transformar a realidade. Essa tendência começa a se manifestar nas reformulações de currículos dos cursos de graduação em Educação Física nos últimos anos e também nos currículos de 1º e 2º graus. Também aparece em aulas de educação física que vão do 1º ao 3º graus.

Para afirmar a tendência que enfatiza a relação teoria-prática como uma unidade indissolúvel, colocada como uma necessidade também da Educação Física, vamos nos valer da ajuda de alguns autores que apontam para essa direção.

Manuel Sérgio diz que

*“A prática, sem teoria, é cega - para pouco serve; a teoria, sem*

*prática, definha no idealismo mais concêntrico - para nada serve.”*

Para esse autor,

*“a Educação Física é Prática (filosoficamente falando), quando articulada com outras instâncias estruturais, concorre à transformação das condições existentes.”* (Sérgio, 1978. p11).

Sendo desta forma, eu diria que, se concorre para a transformação, é porque possui elementos teóricos que se articulam com a prática numa relação de dependência relativa.

Wagner W. Moreira, com base em Vasquez, afirma a necessidade de se *“Vencer a dicotomia teoria x prática”*. Tenta operacionalizar tal necessidade, propondo um programa de Educação Física para o 3º grau com caráter teórico-prático (Moreira, 1988. p.130.).

Mauro Betti diz que se quisermos destruir a Educação Física como ciência, devemos *“propugnar a oposição inconciliável entre a teoria e a prática”*. Segundo esse autor, tal posição *“resulta de uma incompreensão sobre o que é teoria e suas relações com a prática”*. Para esse autor,

*“A função da teoria é compreender, explicar e, eventualmente, indicar opções para a transformação da prática. O domínio de princípios teóricos comprovados cientificamente permite ao profissional lidar melhor com as questões práticas. A teoria alimenta a prática, e esta realimenta a teoria, num movimento contínuo. É a práxis”* (Betti, 1987).

Faria Júnior e um grupo de trabalho, durante o I Congresso Mineiro da Associação de Profissionais de Educação Física de Minas Gerais (APEFMIG), apresentaram um conceito para a Educação Física no Ensino Superior (Prática da Educação Física no 3º grau). Tinha como natureza **ser uma disciplina acadêmica de caráter teórico-prático**. (APEFMIG, 1987. p.2).

Souza et al. (UFMG, 1988. p.8), também cita Faria Júnior ao dizer que *“não se deve tirar o caráter prático da Educação Física, mas ignorar a importância da relação conhecimento, desempenho motor, é algo que só pode ser censurado”*.

Esse grupo de trabalho, ao realizar uma pesquisa sobre o Ensino da Educação Física no 3º grau na UFMG, tratou da relação teoria e prática. Lembrou o conceito de Educação Física retirado durante o I Seminário Nacional sobre Educação Física no 3º grau, na Paraíba em 1988. A Educação Física ministrada aos estudantes universitários partiria de *“uma fundamentação crítica acerca da reflexão-ação corporal e social e seria teórico-prática.”*

Ainda neste trabalho, afirma que *“diversos autores defendem a idéia de uma Educação Física com caráter teórico-prático”* (Dickert, 1984; Sobral, 1985; Oliveira, 1986; Isaia, 1987).

Castellani Filho, citado anteriormente, foi buscar na legislação atual explicação para o entendimento da Educação Física como uma atividade prática. Segundo este autor, na legislação atual a Educação Física é entendida como *“mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistema-*

*tização e compreensão do conhecimento, existindo apenas empiricamente”*.

A partir desta constatação, o autor reivindica a Educação Física como uma disciplina, o que significa estabelecer o processo de aprendizagem predominantemente a partir de conhecimentos sistematizados. Reivindica que o fazer em Educação Física, em sua prática pedagógica, seja verdadeiramente, ***expressão de uma reflexão teórica.***

Em síntese, estamos entendendo que todos estes autores têm contribuído para trazer à tona a questão da relação teoria-prática relacionada à Educação Física. Estamos compreendendo que toda prática pedagógica da Educação Física possui uma teoria que a sustenta, mesmo que não saibamos qual seja essa teoria. Toda prática pedagógica da Educação Física transmite conhecimentos e valores sobre a sociedade, o ser humano, etc. Mas nem sempre sabemos qual teoria sobre esses elementos está a orientar o nosso trabalho no processo ensino-aprendizagem.

Outra interrogação importante: como os entendimentos de teoria e prática e a ação do profissional podem originar uma crise de confiança no conhecimento do profissional? Para tanto, e de forma bem sucinta, vamos nos valer dos estudos de Maria Rita Neto Sales Oliveira sobre *“A antinomia teoria-prática e a crise de confiança no conhecimento profissional do educador”*.

Segundo essa autora *“uma questão que sempre deve ser levantada é a do significado atribuído à teoria e à prática, no contexto dos cursos de formação e no contexto das escolas de 1º e 2º graus”*.

Ainda diz que

*“entre as expectativas dos alunos em relação às disciplinas pedagógicas dos cursos, a de que eles lhes propiciem o conhecimento de respostas-padrão aplicáveis à solução de problemas que a prática escolar possa vir a lhes apresentar. Caso contrário vêm-se às voltas com o que Schon, (1983) considera como ‘a crise de confiança no conhecimento profissional’ ou assumem a postura do senso comum”.* (Oliveira, 1992. p.62).

Sobre o senso comum, Vasquez (1977, p.210) diz que *“o prático contrapõe-se absolutamente à teoria e a teoria se faz desnecessária ou nociva para a prática.”*

Assim, as questões agora são: *os estudantes de Educação Física durante seu curso de formação estão em busca de respostas-padrão? Os cursos de formação em Educação Física atendem a essas expectativas? Os profissionais de Educação Física, se não têm tais expectativas respondidas, vivem a crise de confiança no conhecimento profissional? A crise de confiança no conhecimento profissional em Educação Física se dá em função do distanciamento entre teoria e prática? Quais as possíveis soluções para tal crise? Reformas curriculares? Produção de conhecimento sobre a questão? Capacitação permanente dos profissionais egressos dos cursos de formação em Educação Física?*

Como considerações finais, queremos apresentar estas últimas idéias:

A minha posição é a de trabalhar a Educação Física de maneira a considerá-la um ato pedagógico entendido como uma totalidade concreta. Trata-se de um processo de ensino intencional, sistematizado, que ocorre na escola. E só faz sentido numa proposta pedagógica que postule uma concepção dialética de ensino. Por ser dialética, considera que esse ensino lida com as dimensões de teoria e prática em forma de unidade.

A Educação Física que considera a relação teoria-prática de modo indissolúvel, e que se manifesta metodologicamente nesta direção, pode estar presente no ensino básico, no ensino fundamental e no ensino superior. O que muda é que em cada fase do ensino a forma da operacionalização da teoria e da prática deve estar de acordo com as características, as necessidades e as possibilidades do *aluno* atendido, do *professor* que dirige o processo ensino-aprendizagem e do tipo de *conteúdo* a ser transmitido.

A meu ver, é preciso que se operacionalizem os conteúdos da Educação Física em atividades de nível prático e em atividades de nível teórico. Ambas devem ser dispostas numa visão de unidade, sem que isso signifique uma descaracterização da Educação Física, a perda de sua identidade e de sua legitimidade. A prática pedagógica da Educação física na escola, fundamentalmente se materializa na forma de aula. Por ser aula, possui atividades de nível teórico e de nível prático que interagem entre si. Então, as atividades são, na verdade, teórico-práticas. São práxis da Educação Física.

Isso nos indica que, além de todos os movimentos corporais a serem realizados nas aulas de Educação Física, deve-se superar a idéia equivocada de que em aula de Educação Física não “se deve falar (...), não se deve sentar e discutir” com os alunos o que se está fazendo, não se devem utilizar recursos pouco típicos das aulas de Educação Física tais como textos, fotos, cartazes, desenhos, grupos de discussão, seminários, pesquisas, etc., sem deixar de lado os recursos usuais tais com os materiais esportivos e ginásticos. (Bracht, 1992. p.80).

Na prática pedagógica, os professores podem demonstrar aos alunos que a Educação Física substancialmente lida com os movimentos mas são necessários o diálogo, a reflexão e o uso da palavra para que o aluno não só pratique os temas da cultura corporal como também saiba “se posicionar criticamente diante dessa cultura.” (Bracht, 1992. p.52). O professor pode fazer isso pelo movimento e pela palavra, além de outras formas de expressão possíveis.

Outra educadora que reitera essa nossa posição é Magda Becker Soares, ao dizer que

*“Seja qual for a matéria ou disciplina, o professor está sempre numa relação discursiva, de interação. Isso, numa concepção da língua como enunciação. Seja qual for o professor, seja qual for o conteúdo, a questão é fundamentalmente discursiva e lingüística. O professor está verbalmente interagindo com o aluno, que está interagindo lingüisticamente com [o material daquela aula] e com*

*o que o professor está falando. (...) A construção do conhecimento na sala de aula se faz fundamentalmente pela interação verbal. É claro que há outras interações, outros sistemas simbólicos, mas é sobretudo feita através dos símbolos lingüísticos. (Soares, 1995. p.16-17).*

Mas é preciso tomar cuidado para que a Educação Física não se transforme exclusivamente numa aula discursiva sobre o movimento. Assim, concordamos com Mauro Betti quando diz:

*“Não estou propondo que a Educação Física Escolar transforme-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas numa ação pedagógica com a cultura corporal de movimento. (...) A ação pedagógica a que se propõe a Educação Física estará sempre impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se. A dimensão cognitiva do compreender far-se-á sempre sobre este substrato corporal, mas só é possível através da linguagem; por isso a palavra é instrumento importante - embora não único- para o profissional de Educação Física. A linguagem deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir corporal, o seu relacionar-se com os outros e com as instituições sociais de práticas corporais (...). O saber Educação Física é um saber que não pode ser alcançado pelo puro pensamento; é um saber orgânico, só possível com atividades corporais, não é um saber que*

*se esgota num discurso sobre o corpo/movimento. O papel do profissional de Educação Física é ajudar a fazer a mediação deste saber orgânico para a consciência, através da linguagem e dos signos. É um saber que leva o sujeito à autonomia no usufruto da cultura corporal.*" (Betti, 1994. p.41-42).

Estou me posicionando a favor de uma Educação Física sistematizada e instrucional, mas reconheço outras posições segundo as quais a **Educação Física não tem caráter instrucional como a maioria das disciplinas escolares, mas tem caráter cultural.** (Rezende, 1994. p.27).

Diante dessa polêmica, nossa tarefa seria a de aprofundar tais estudos no sentido de, ao ter escolhido uma dada tendência de entendimento sobre teoria e prática, operacionalizá-la ao nível da ação-reflexão-ação, ao nível da formação profissional e das nossas aulas de Educação Física do 1º ao 3º graus.

A nosso ver, os profissionais da área teriam de construir e disseminar conhecimentos que permitissem o trabalho em Educação Física na perspectiva de uma relação teoria-prática una, ou seja, **é preciso que se operacionalize o conhecimento teórico-prático em Educação Física sem que isso signifique perda de sua identidade e legitimidade.**

Reafirmamos que em qualquer aula de Educação Física podemos ter a certeza de que está presente uma dada forma de relação teoria-prática, mesmo que os profissionais não percebam. Há sempre uma dada tendência presente.

Afinal, é preciso esclarecer e estudar muito bem o que seria a Educação Física com caráter teórico-prático indissolúvel. Portanto, nunca é demais repetir que estamos discutindo Educação Física enquanto processo/produto educativo que se manifesta como aula. Acreditamos que a relação teoria-prática pode deixar de ser um problema para ser parte de uma solução no ensino de uma Educação Física crítica e comprometida com a transformação social.

## Nota

<sup>1</sup> Ver bibliografia ao final do texto que indica alguma produção sobre esse tema.

## Bibliografia

- APEFMIG. *Documento final do I Congresso Mineiro de Educação Física*. Ouro Preto, 1987, (mimeo.).
- BETTI, Mauro. *Como impedir o desenvolvimento da educação física enquanto ciência ou a ciencideologia da educação física*. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 8 - nºs 2 e 3 - Janeiro e Maio/87.
- \_\_\_\_\_. *O que a semiótica inspira ao ensino de Educação Física*. In: *Discorpo*: revista do departamento de educação física e desportos da PUC-SP. nº3, out., 1994.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre : Magister, 1992, 122p.
- CANDAU, Vera Maria (org.). *Rumo a uma nova didática*. Petrópolis : Vozes, 1988, 179p.

- CASTELLANI FILHO, Lino. *Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau. Núcleo comum*. Educação Física. Projeto SESG/MEC-PUC/SP, 1988 (mimeo.).
- COLETIVODEAUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992, 119p.
- DOCUMENTO FINAL do I Seminário Nacional de Educação Física no 3º grau. João Pessoa - Paraíba, 1988. (Mimeo.).
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo : Edições Loyola, 1988, 63p.
- JEBER, Leonardo José. *A educação física na escola de 1º grau (5ª a 8ª série): o lugar ocupado no quadro da hierarquia das disciplinas escolares*. Belo Horizonte : Faculdade de Educação da UFMG, 1994, 24p. (Projeto de dissertação de Mestrado em Educação).
- \_\_\_\_\_. *A influência do pensamento Aristotélico-Tomista na determinação do lugar ocupado pela disciplina educação física na escola*. Belo Horizonte : Faculdade de Educação da UFMG, 1994, 32p. (Trabalho final da disciplina "Projetos Políticos e Educação").
- MOREIRA, Wagner Wey. *Prática de educação física na universidade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1985, 147p.
- OLIVEIRA, Maria Rita N. S. *A reconstrução da didática: elementos teórico-metodológicos*. Campinas : Papirus, 1992.
- PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria?* 7. ed. São Paulo : Brasiliense, 1988, 91p.
- REZENDE, A. M. de. *Iniciação teórica e prática nas ciências da educação*. Petrópolis: Vozes, 1979, 34p.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre algumas contradições da Educação Física no âmbito da Escola Pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal*. Movimento, Porto Alegre, n.1, p.20-40, set. 1994.
- RIBEIRO, Maria Luisa dos Santos. *Educação escolar e praxis*. São Paulo : Iglu, 1991, 72p.
- SANTIN, Silvino. *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí : Liv. Unijuí Ed. 1987, 125p.
- SÉRGIO, Manuel. *A prática e a educação física*. Lisboa : Compendium, 1978, 133p.
- SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, IV. (anais), 1993, Departamento de Educação Física da UNESP, Rio Claro: *A relação teoria e prática na educação física*, 106p.
- SOARES, Magda B. *Para além do discurso (entrevista)*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n.2, p.5-17, mar.abr., 1995.
- TAFFAREL, Celi N. Z. *A formação do profissional da educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de educação física*. Campinas : UNICAMP, 1993. 276p. (Tese, Doutorado em Educação)
- UFMG. *O ensino da educação física no 3º grau na UFMG*. Relatório de Pesquisa. Belo Horizonte, 1988. (mimeo.).
- VASQUEZ, A. S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.